

RECADO DE PARIS

PARIS, FEVEREIRO — Os cabelos são côr de fogo, e esta é sua côr natural. Posso fazer uma comparação mais prosaica e mais exata: são da côr d'êste caldo da "bouillabaisse" que ela está provando, pela primeira vez em sua vida, neste bistrô marseilhês do Quartier Latin, onde jantamos.

Está nervosa; recebeu uma carta da Alsácia, "Mamam me grogne". A culpa é sua. Não tinha nada de mandar contar em casa seu namoro com um jovem pintor brasileiro cujos planos terríveis são êstes: casar-se com ela, levá-la para o Brasil, passar quatro anos numa praia perdida do Nordeste, onde há apenas uma colônia de pescadores, para poder pintar. Ela mesma não sabe se aceita; tem medo de acompanhar êsse Gaughin tranquilo; tem medo de não amá-lo bastante para aguentar tanta monotonia. Trocar por uma casa de palha seu quarto no quinto andar dêsse hotel de Royer-Collard ("sabe? Verlaine e Rimbaud moraram juntos naquele quarto ali em cima". E depois, quando descia a escada escura, encontrei um homenzinho barbudo, de cabeça grande, que se não era o próprio Verlaine pelo menos tinha muita vontade de ser), deixar o Boul' Mich' por uma praia de Sergipe — isso é um problema que atormenta sua cabecinha ruiva.

Fico imaginando que o sol brasileiro tornaria vermelha como um camarão essa pele feita para climas brandos.

"Mamãe não sabe escrever cartas; ela é tão diferente escrevendo e falando!" Tem um gesto irritado: rasga a carta em pedacinhos, e põe tudo dentro do cinzeiro. Pego ao acaso um dêsse pedaços; é exatamente a despedida: "je t'embrasse bien forte — Monique."

— É muito feio rasgar carta de mamãe. Guarde ao menos êste pedaço.

Ela vê o que é, e joga o papelucho dentro da bolsa. Os pequenos olhos azuis estão trêmulos de água sob os cabelos de fogo. (Ou de "bouillabaise").

1. 3. 50 R. B.

BA - A carta